

PE-049 - MORBIDADE HOSPITALAR POR SARAMPO NO RIO GRANDE DO SUL, EM PESSOAS DE 0 A 19 ANOS, DE JANEIRO DE 2019 A FEVEREIRO DE 2021

Laura Toffoli¹, Marina Polo Grison¹, Gabriel Fiorio Grando¹, Victória Schacker¹, Eduarda Vanzing da Silva¹, Pablo Eduardo Dombrowski¹, Luísa de Souza Maurique¹, Júlia Cristina Dani Terraciano¹, Sheron Amanda Prill¹, Giancarlo Rezende Bessa¹

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

Introdução: Sarampo é uma doença infecciosa aguda, viral, transmissível, extremamente contagiosa e muito comum na infância. É grave e pode deixar sequelas por toda a vida ou até causar a morte. As principais complicações variam de acordo com as fases da vida do paciente. **Objetivo:** Analisar notificações de internações hospitalares por sarampo no Rio Grande do Sul, de janeiro de 2019 a fevereiro de 2021. **Métodos:** Estudo epidemiológico de dados registrados no DATASUS e boletins epidemiológicos. **Resultados:** A partir dos dados analisados, constatou-se que no período estudado o Rio Grande do Sul apresentou 13 internações de pessoas de 0 a 19 anos por sarampo. Dessas, todas ocorreram entre junho de 2019 e julho de 2020, período correspondente ao último surto de sarampo registrado no Rio Grande do Sul. A faixa etária com mais casos foi a de menores de 1 ano de idade (n=7) e a capital, Porto Alegre, foi a cidade com maior incidência no estado (n=4). O sexo masculino foi mais prevalente com 8 casos (61,5%). A raça branca foi a mais acometida com 8 casos e a negra a menos acometida com 1 caso. A faixa etária de menores de 1 ano foi a responsável pelo maior tempo de internação, 37 dias. Nenhum óbito foi registrado nesse período. **Conclusão:** O surto de sarampo no RS pode ser reflexo da redução da cobertura vacinal da dose 1 da vacina tríplice viral, em crianças de 1 ano de idade, que baixou de 88,6 em 2018 para 58,9 em 2019 no Estado. A vacinação é a principal medida eficaz de controle do sarampo. Assim, ampliar a cobertura vacinal é necessário, especialmente, para evitar novos surtos da doença em nosso meio.

PE-050 - INTERNAÇÕES POR SÍFILIS CONGÊNITA PRECOCE NO RIO GRANDE DO SUL – ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Gabriel Fiorio Grando¹, Luísa de Souza Maurique¹, Victória Schacker¹, Laura Toffoli¹, Pablo Eduardo Dombrowski¹, Marina Polo Grison¹, Eduarda Vanzing da Silva¹, Sheron Amanda Prill¹, Júlia Cristina Dani Terraciano¹, Giancarlo Rezende Bessa¹

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

Introdução e Objetivos: A sífilis congênita é uma infecção causada pela bactéria *Treponema pallidum*, sendo transmitida ao feto pela circulação transplacentária. Entre as manifestações dermatológicas da doença recente, cita-se a erupção eritematopapulosa, o condiloma latum e o pênfigo sífilítico. Apesar do amplo entendimento sobre a doença e das estratégias preventivas, ela ainda é prevalente e crescente, porém com possibilidade de tratamento no pré-natal. Por meio deste trabalho, objetiva-se conhecer o perfil de crianças internadas por sífilis congênita precoce no Rio Grande do Sul. **Métodos:** O estudo foi realizado com dados da plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). Os dados foram filtrados para internações de menores de 1 ano por sífilis congênita de 2011 a 2020 no estado do Rio Grande do Sul. **Resultados:** No período analisado, foram descritas 9.091 internações de menores de 1 ano por sífilis congênita no Rio Grande do Sul (RS). Em relação ao ano de internação, notou-se um aumento de 10,6% entre os anos de 2011 e 2020. O caráter de atendimento predominante foi de urgência (96,9%). Existe ligeira predominância pelo sexo feminino (50,6%). Sobre a cor da pele, a plataforma apresenta 2.054 notificações (22,5%) sem essa informação, mas a cor branca (63,7%) predomina entre as demais. O valor médio gasto com cada internação é representado por 1.626,88 reais e a média de permanência na internação, 10,1 dias. A taxa de mortalidade foi de 0,11%. **Conclusão:** Muito ainda deve ser alcançado em relação à cobertura pré-natal, dados de 2016 de uma cidade do RS mostram apenas 55% de cobertura adequada, com base nos critérios de Silveira et al. Em suma, cada caso de sífilis congênita deve ser visto como uma falha na promoção de um cuidado pré-natal adequado ou na aderência a ele.